



## **Aproximando-se da cultura dos indígenas Guarani-Mbyá: vivenciando o uso de *blog* e fotografias digitais nas aulas de História e Geografia**

**Denise Wildner Theves**, Mestre em Geografia. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ensino de Geografia (UFRGS); Colégio Evangélico Alberto Torres (CEAT), Lajeado/RS; Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), Porto Alegre/RS, [denisetheves@itrs.com.br](mailto:denisetheves@itrs.com.br)

**Walter Ruben Iriundo Otero**, Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento; Professor Adjunto no Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Pelotas (Centro de Engenharias), [wiriondo@gmail.com](mailto:wiriondo@gmail.com)

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de uma pesquisa exploratória, qualitativa e aplicada, desenvolvida junto a alunos do quinto ano de uma escola localizada no município de Lajeado/RS, que procurou identificar as vantagens e os desafios da utilização de um *blog* e fotografias digitais no processo ensino-aprendizagem na disciplina de Estudos Geográficos e Históricos. Esse estudo surgiu a partir de uma saída de campo que foi realizada com os alunos, ocasião em que foram visitadas uma aldeia indígena da etnia Guarani-Mbyá, no município de Viamão/RS. A atividade foi planejada e proposta como uma interação cultural na forma de diálogos e trocas, entre os alunos e o povo Guarani-Mbyá. Assim, essa vivência buscou oportunizar conhecimentos sobre os valores dessa cultura ao grupo de alunos. Além dessa saída de campo, os estudos foram dinamizados com a possibilidade de uma visita à exposição “Os Guarani Mbyá”, realizada no Museu da UFRGS, na cidade de Porto Alegre. Essa exposição apresentou fotos dos fotógrafos Vherá Poty e Danilo Christidis, oriundas do projeto de sete anos com coletivos Guarani-Mbyá no Rio Grande do Sul. Assim, a partir das vivências e estudo da cultura dos indígenas Guarani-Mbyá, inseridos na história da ocupação das terras do Rio Grande do Sul, utilizaram-se mídias digitais como recursos para a sistematização das aprendizagens. Trabalhou-se com *blog* e com fotografias digitais como formas de registro de conhecimentos e como ferramentas de comunicação inseridas em uma proposta pedagógica que almejou criar contextos de interação, colaboração e aprendizagem. Os dados coletados durante a pesquisa foram obtidos através da escuta e observação dos alunos em momentos de interação com as atividades propostas, além de respostas ou observações às atividades do *blog* ou durante as aulas. Constatou-se que o uso de mídias digitais provocou envolvimento e participação por parte dos alunos; que eles se sentiram atraídos pelas diferentes linguagens e propostas apresentadas; que a interação no *blog* não precisa seguir um caminho linear e que esta foi uma ferramenta através da qual as famílias dos alunos também puderam aproximar-se dos assuntos estudados na escola, oportunizando um diálogo para além do ambiente escolar. Constatou-se, também, que os alunos, mesmo inseridos num universo tecnológico, apresentaram dificuldades em se apropriar das tecnologias em tela em benefício do processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** *Blog*, Fotografia, Geografia, História.

### **Approaching Guarani-Mbyá indigenous culture: experiencing the use of blog and digital photographs in History and Geography classes**

**Abstract:** The article presents results of an exploratory, qualitative and applied research, developed with students of the fifth year of a school located in the municipality of Lajeado/RS, which tried to identify the advantages and challenges of using a blog and digital photography in the teaching & learning process of Geographical and Historical subjects. This study arose from a field trip carried out with students, where an indigenous village of the Guarani-Mbyá ethnic group was visited, at the municipality of Viamão/RS. The

activity was planned and proposed as a cultural interaction with dialogues and exchanges between students and Guarani-Mbyá people. Thus, this experience sought to provide knowledge about the values of this culture to the students. Besides the indigenous village visit, the studies visited the exhibition "Os Guarani Mbyá", held at the UFRGS Museum in Porto Alegre. This exhibition featured photos by photographers Vherá Poty and Danilo Christidis, from the seven-year project with Guarani-Mbyá collectives in Rio Grande do Sul State. Thus, from the experiences and study of the Guarani-Mbyá indigenous culture, inserted in the history of the occupation of the lands of Rio Grande do Sul, digital media were used as resources for the systematization of learning. A blog and digital photos were used as knowledge registration and as communication tools embedded in a pedagogical proposal that aspired to create contexts of interaction, collaboration and learning. The research found that the use of digital media provoked involvement and participation by the students; that they were attracted by different languages and proposals; that blog interaction does not need to follow a linear path and that this was a tool through which the families of the students were also able to approach the subjects studied in school, providing opportunities for dialogue beyond the school environment. It was also found that students, even being part of a technological universe, had difficulty to appropriate technologies for the benefit of their learning process.

**Keywords:** Blog, Photography, Geography, History.

---

## Introdução

A sociedade contemporânea está marcada pelo avanço da tecnologia de comunicação digital e pela rapidez na circulação das informações. Com isso, a utilização de mídias digitais no cotidiano vem produzindo mudanças no dia a dia e na vida das pessoas. Assim, o cenário educacional é diferente do passado e é marcado por outras vivências, conceitos e formas de aprender e de ensinar, tal como sugere Pozzo (2002). Nesse cenário, o uso de tecnologias digitais na sala de aula é um desafio e também uma possibilidade de inovar, experimentando novos caminhos para construir e compartilhar conhecimentos através do uso das ferramentas disponíveis na *Internet* (SEABRA, 2010).

A popularização da *Internet* e das Mídias Sociais favoreceram o surgimento de milhares de *weblogs*, ou *blogs* em sua denominação popularizada, como ferramentas de comunicação. Cabe destacar que o *blog* é um instrumento de comunicação e, quando inserido no contexto educacional, pode proporcionar e incentivar a interação e a colaboração, assim como indicam Barbosa e Granado (2004, p. 69) ao afirmarem: “se há alguma área onde os *weblogs* podem ser utilizados como ferramenta de comunicação e de troca de experiências com excelentes resultados, essa área é sem dúvida, a da educação”. De forma análoga, a fotografia digital também tem se tornado muito popular na atualidade, visto que os telefones celulares mais modernos incorporaram, dentre sua vasta funcionalidade, a capacidade de fotografar.

Nesse contexto emerge a pergunta de pesquisa que norteia o presente trabalho: quais são os benefícios e as dificuldades de utilizar fotografias digitais e *blogs* no processo ensino-aprendizagem de Geografia e História?

Esse questionamento, que instigou a curiosidade científica dos autores deste trabalho, surgiu a partir de saídas de campo realizadas com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola localizada no município de Lajeado/RS, ocasião em que se visitou a comunidade indígena da etnia Guarani-Mbyá, no município de Viamão/RS, e uma exposição fotográfica no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre/RS.

A partir desse questionamento, inicia-se a pesquisa nomeada “Outros olhares, novas aprendizagens”, que utilizou um *blog* para oportunizar a interação dos alunos e a sistematização das aprendizagens, utilizando as mídias digitais na escola. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da formação docente da coautora deste artigo em nível de pós-graduação em Mídias na Educação.

O objetivo principal da investigação consistiu em averiguar quais são os benefícios e as dificuldades de utilizar fotografias digitais e *blog* no processo de ensino aprendizagem de História e Geografia no quinto ano do Ensino Fundamental, na percepção dos alunos e dos pesquisadores. Os objetivos específicos foram:

- Registrar aprendizagens e vivências através do uso de fotografias digitais;
- Desenvolver um *blog* que possibilitasse a interação de alunos no Ensino Fundamental;
- Identificar aplicações das disciplinas de História e de Geografia para atividades interativas num *blog*.

Trata-se de uma pesquisa exploratória (GIL, 2007), com abordagem qualitativa (MINAYO, 2001; GOLDENBERG, 2004), de natureza aplicada (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 35), desenvolvida entre os meses de abril a novembro de 2015 junto a duas turmas de alunos do quinto ano da escola antes citada. Uma das turmas era constituída por 26 alunos, sendo 17 meninas e 9 meninos, a outra por 28 alunos, sendo 16 meninas e 12 meninos; todos com idades entre 10 e 12 anos. A maioria desses alunos tinha a sua disposição diversos recursos tecnológicos tais como celular, *tablet* e computador,

com acesso à *Internet* fora do ambiente escolar, além dos recursos oferecidos pelo laboratório de informática da escola.

Trata-se de uma escola comunitária de confissão luterana, localizada no município de Lajeado/RS, fundada em 1892, cuja comunidade escolar é constituída por uma diversidade cultural e sócio econômica significativa, onde a ação educativa é proposta a partir da interação entre os seus segmentos: alunos, professores, funcionários e famílias. O papel do professor constitui-se num tema de interesse e discussão constante, priorizando a definição de mediador intercultural e provocador de oportunidades de aprendizagem. Nesse contexto, busca-se a inovação educativa de forma permanente, renovando-se frente às mudanças da contemporaneidade.

Esse artigo apresenta os principais resultados da investigação assim como evidências que possibilitam desenhar respostas para a pergunta de pesquisa em tela.

### **Contextualizando a investigação**

O estudo propôs a utilização de fotografias digitais e de um *blog* para a contextualização da chegada dos primeiros habitantes ao continente, que seria denominado de América e as hipóteses que supõe a chegada dos primeiros habitantes às terras do atual Rio Grande do Sul, através de diferentes ondas migratórias. No *blog*, foram propostas atividades e foram postadas fotografias digitais feitas pelos alunos durante duas saídas de campo.

Como atividade que constituiu a III Semana com a cultura Guarani-Mbyá, oferecida pelo Museu da UFRGS, foi planejada a participação dos alunos de um dia de vivências e aprendizagens na aldeia Tekoá Pindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã), no município de Viamão/RS. A atividade foi concebida como modo de interação cultural na forma de diálogos e trocas, algo que é considerado de suma importância para o povo Guarani-Mbyá. Assim, essa vivência buscou oportunizar conhecimentos sobre os valores dessa cultura ao grupo de alunos, como ilustram as figuras 1, 2 e 3.





Figura 1: Diálogo com a comunidade indígena. Fonte: *Blog da Pesquisa*;



Figura 2: Pintura corporal com urucum. Fonte: *Blog da Pesquisa*:



Figura 3: Brincadeiras dos indígenas. Fonte: *Blog da Pesquisa*.

A aldeia Tekoá Pindó Mirim possui as terras demarcadas em 25 hectares e nela moram 22 famílias de indígenas, pertencentes à etnia Guarani-Mbyá. A aldeia possui uma escola e um posto de saúde, que procuram inserir seu trabalho no contexto dos hábitos culturais desse grupo. Atualmente a área está sendo reflorestada por causa da degradação.

Cabe destacar que os indígenas que habitam o Rio Grande do Sul, na atualidade, integram os grupos Guarani, Kaingang e Charrua. Nosso estudo concentrou-se no grupo Guarani<sup>1</sup>, que possui três subdivisões: os Mbyá, os Nhandeva e os Kaiowá. Esses subgrupos apresentam variações na linguística, no modo de viver, assim como na organização social, econômica e religiosa. A língua falada é o Guarani, que provém do tronco linguístico tupi, da família tupi-guarani. De acordo com Medeiros e Gomes (2014), estes indígenas estão organizados em aldeias na zona rural e em várias cidades do Rio Grande do Sul, sendo cinco delas na região metropolitana de Porto Alegre, conforme indicado no mapa (figura 4). A aldeia indígena visitada localiza-se no município de Viamão (RS), localizado a 15,8 quilômetros de Porto Alegre e seu perfil econômico é baseado na agropecuária e serviços.

Ao longo do ano letivo, os estudos foram dinamizados com mais uma possibilidade de saída de campo, no mês de setembro, para uma exposição realizada no Museu da UFRGS, intitulada “Os Guarani Mbyá”. Durante esta visita, os alunos foram convidados a fotografar o que mais lhes chamou a atenção na exposição, utilizando para isso máquinas fotográficas ou telefones celulares. O uso de fotografias justificou-se por se considerar o fato de que, assim como propõe Oliveira Júnior (2008, p.1), “as fotografias participam da construção de nossa imaginação – da realidade – do mundo contemporâneo, educando-nos em nossas maneiras de pensá-lo e a nós mesmos frente a ele”. Cabe lembrar que, embora a fotografia seja comumente vista pela sociedade como um registro da realidade ou como a evidência do que aconteceu num determinado momento, é importante perceber que “entre o real e a imagem sempre se interpõe uma série infinita de outras imagens, invisíveis, porém operantes, que se constituem em ordem visual, em prescrições icônicas, em esquemas estéticos” (ROUILLÉ, 2009; *apud* SOLDERA, 2013, p. 975).

---

<sup>1</sup>A população Guarani no Brasil esteve estimada, em 2008, em aproximadamente 51 mil pessoas entre os Kaiowá (31.000), Nhandeva (13.000) e Mbya (7.000), distribuídas em vários estados do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul. (ISA, 2015c)

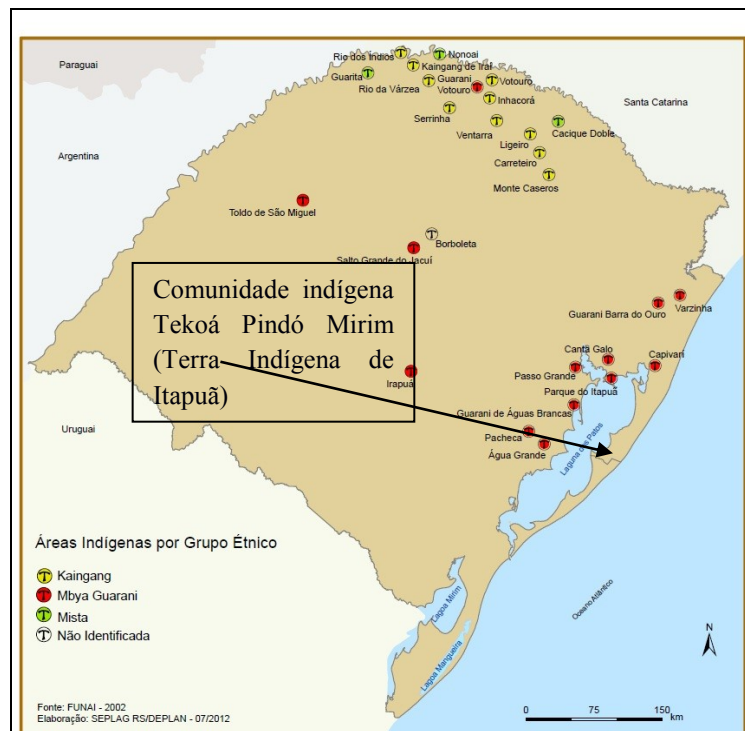


Figura 4. Áreas indígenas do Rio Grande do Sul. Fonte: Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul.

Os alunos, após realizarem a visita à exposição, participaram de maneira sistemática do projeto que foi constituído das seguintes etapas: 1) seleção de uma fotografia da exposição por cada aluno; 2) agrupamento das fotos selecionadas pelos alunos em uma pasta da turma; 3) revelação (impressão) das fotografias selecionadas; 4) pesquisa em diferentes mídias de maneira a contrapor como os indígenas são apresentados (estereótipos); 5) utilização do *blog* para disponibilizar os materiais (textos, imagens e vídeos documentários) utilizados durante as aulas, possibilitando novas interações pelos alunos; 6) avaliação das possibilidades de aprendizagem pelos alunos, a partir de um questionário e da interação no *blog*; 7) mostra fotográfica com as fotografias selecionadas pelos alunos e de trabalhos realizados; 8) abertura da mostra para todos os alunos da escola.

A seguir é apresentada a sustentação teórica da investigação para, depois, passar à discussão dos resultados da pesquisa.

## *A sala de aula como espaço de trabalho com a cultura digital*

Podemos afirmar que, na atualidade, as formas de interação intensificam-se e são permeadas pela cultura digital, em que as relações humanas são fortemente mediadas por tecnologias e comunicações digitais, fazendo com que atividades, hábitos e valores se modifiquem e novas subjetividades sejam estruturadas. Para Regis e Perani (2010, p.2), “com o surgimento da *Internet* e a reconfiguração das mídias anteriores, inaugura-se uma verdadeira revolução nas práticas culturais contemporâneas”.

Na cultura digital, as pessoas possuem habilidades para comunicar ou mesclar produtos baseados em uma linguagem comum digital; têm a capacidade de reformular as configurações criando novos sentidos nas diferentes camadas dos múltiplos processos de comunicação; trabalham de forma coletiva, em redes digitais interconectadas, desde o local até o global em tempo real e vice-versa, para poder diluir o processo de interação (CASTELLS; 1999, 2005).

Nessa conjuntura, as distâncias encurtam, há outras percepções de tempo e o espaço também é constituído pelo ciberespaço (CASTELLS; 1999, 2005). Compõe-se um cenário diferente do passado, marcado por novos conceitos e outras vivências. Baumann (2011), ao evidenciar a condição social na pós-modernidade, declara que há acontecimentos que são irreversíveis, como a multiplicação de conexões, as relações, a interdependência e as comunicações; ao mesmo tempo em que, através de um processo de bricolagem, o antigo é agregado ao novo e se passa a viver de episódios. Emergem desse cenário diferentes tipos de infâncias, de juventudes, de educação e de sociedade.

E como a escola está imbricada neste novo cenário? De imediato, pode-se constatar que a escola está em crise (POZZO, 2002). Onde estão os motivos? Um dos caminhos na busca pela compreensão para tal situação poderia ser “pensar a instituição escolar como uma tecnologia”, ou seja, “um dispositivo, como uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo” (SIBILIA, 2012, p. 197). Assim, na percepção da citada autora, a escola é uma “tecnologia de época: um aparelho historicamente configurado” e como tal, atende a demandas da época de sua criação.

Portanto, torna-se necessário e urgente criar possibilidades de constituir um espaço pedagógico no âmbito da escola com vistas à contemporaneidade que leve em conta o universo cultural de crianças e jovens, nativos digitais (PRENSKY, 2001), que já nasceram



num contexto de inúmeros e variados recursos tecnológicos. Afinal, é inegável que o espaço-tempo do aprender e do ensinar da escola que “erigiu tendo a cultura letrada como horizonte de realização” (SIBILIA, 2012, p. 206) precisa, na contemporaneidade, ser reinventado para abrir-se para possibilidades que se apresentam a partir da cultura atual, que “está fortemente marcada pelos meios de comunicação audiovisuais” (SIBILIA, 2012, p. 206).

Alguns dos caminhos possíveis para essa reinvenção pedagógica podem estar indicados nos próprios recursos midiáticos disponíveis, pois como propõe Tonini (2011, p.193-194) “as tecnologias disponibilizam diversas linguagens, muitas formas de pensamento e de utilização – qualquer criança pode tirar fotografias, usar GPS nos celulares, filmar e editar, gravar músicas por sua própria iniciativa”.

Neste processo, o papel do professor é fundamental enquanto mediador na interação e conexão entre o mundo dos alunos e o espaço pedagógico proposto pela escola. Mas isso exige, em primeiro lugar, que sejam abandonadas propostas ultrapassadas que utilizam como recurso pedagógico a mera transmissão oral e escrita, repassando informações como pontos e acabados. Afinal, as “linguagens da cibercultura, que permeiam grande parte das relações de crianças e jovens, incluem a escrita e a oralidade, mas, também, as linguagens midiáticas e todas as suas possibilidades de sensações, intervenções e armazenagens” (XAVIER; FERREIRA; ÁVILA; 2013, p. 3).

Faz-se necessário, então, um processo de ensino-aprendizagem em que se considerem as vivências e conhecimentos dos alunos assim como o universo tecnológico no qual estão inseridos. Pozzo (2002, p.26) salienta a necessidade de uma nova cultura da aprendizagem e destaca que “não só muda culturalmente o que se aprende [...] como também a forma como se aprende”. Em relação aos processos de aprender e de ensinar, o referido autor acrescenta: “forma e conteúdo são na aprendizagem dois espelhos, um de frente para o outro, que para não provocar perplexidade ou desassossego no observador devem refletir as duas faces de uma mesma imagem” (POZZO, 2002, p. 26).

Se considerarmos que essa imagem refletida no espelho seja o que a escola tem oferecido enquanto momento de aprendizagem, é bem provável que o que se veja provoque o mal-estar que tem feito parte do cotidiano de muitas salas de aula. Outras e novas formas de pensar propostas pedagógicas no âmbito do coletivo da escola podem ser instigantes e

desafiadores caminhos na busca pela conexão entre a escola e a contemporaneidade, tal como propõe Fagundes (2010).

### *Educar utilizando imagens e fotografias*

Vivemos imersos no mundo da mídia, afinal, todas as instâncias da sociedade de alguma maneira estabelecem relações com ela. Para Guareschi e Biz (2005, p. 38) “a mídia é o coração da sociedade de informação cuja égide vivemos”. Assim, as mídias inseridas no vasto sistema dos meios de comunicação, “com suas pedagogias, formam práticas de significação que são, por definição, práticas culturais” (TONINI, 2011, p. 196).

Nesse contexto, o objetivo da Geografia e da História escolar também pode ser aquele em que os alunos se sintam estimulados a desconfiar do que leem, ouvem e veem. E que possam, ao mesmo tempo, dizer o que pensam, argumentar e superar as visões de mundo conformistas, conservadoras ou ligadas somente ao senso comum, muitas vezes veiculadas nos meios de comunicação. É inegável considerar que modos diferentes de ser, fazer, aprender, pensar e interagir redefinam a nossa existência, afinal, “a mídia nos constrói, constrói nossa subjetividade” (GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 44).

Cabe acrescentar que o dia a dia das pessoas é marcado por diferenças e conflitos e que as disciplinas de Geografia e História têm o papel de também trazer o contraditório aos alunos, oportunizando o contato com fatos que apresentam várias possibilidades de leitura, expandindo o respeito ao outro, ao diferente. Nessa conjuntura, as imagens exercem um papel central e são potencializadoras na construção de ideias, valores, sentidos, concepções, pois

[...] as imagens criam representações, cujas identidades são construídas pelo que se vê, tomando-as como reais. Tal fato vai gerar opiniões e crenças, em que a diferença dá lugar à discriminação. Assim, os estereótipos vão aparecendo, não de uma vez, mas ao longo da repetição das imagens entre as diversas linguagens, como jornais, rádio, livros escolares, televisão, Internet. Ao estereotipar se nomeia um lugar comum, que é muito mais fácil de tentar entender a diversidade entre as identidades (TONINI, 2011, p.198).

Neste sentido, o trabalho com as imagens nas disciplinas de Geografia e História pode ser um *vir a ser* enquanto potência educativa, pois “as imagens são parte cada vez mais intensa da multiplicidade que compõe o espaço atual” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2009, p. 18). Além disso, o objetivo da escola, e por decorrência também das citadas disciplinas, é formar valores de respeito ao outro, de respeito às diferenças, de combate às desigualdades e injustiças sociais além de refletir sobre a nossa própria condição humana. Afinal,

[...] somos essencialmente criaturas de imagens, de figuras. [...] para aqueles que podem ver, a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de relações, imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. [...] as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, 2001, p. 21).

Dessa forma, o trabalho a partir de imagens veiculadas nos diferentes meios de comunicação, através de análises mais contextualizadas podem estabelecer conexões entre a escola e o mundo dos alunos, num movimento dialógico em que o dinamismo e a reflexão estão em constante relação. Nesse sentido, Kellner (2001, p. 109) indica possibilidades:

Ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas”. Afinal, “a imagem é sempre portadora de outras imagens” (FOUCAULT, 2001, p.9).

Estreitando o caminho nas possibilidades de trabalho com as imagens, destaca-se o uso das fotografias. Elas permitem aos envolvidos falar sobre o que sentem, vivenciam e aprendem, permitindo a relação entre palavras e imagens e através desse movimento contínuo e paralelo das imagens para as palavras e vice-versa é que nos permitem acessar “um mundo paralelo de palavras e imagens mediante o qual se pode reconhecer a experiência do mundo que chamamos de real” (MANGUEL, 2001, p. 22-24). O autor acrescenta que “esse mundo surge a cada contato da imagem com o olhar, renova-se, reconstrói-se de acordo com as experiências receptivas do espectador ou leitor” (MANGUEL, 2001, p. 22-24).

Em seu estudo, Pavanatti (2012) concluiu que as imagens utilizadas nas aulas de História sensibilizaram os estudantes e auxiliaram na formulação de hipóteses sobre os temas de estudo. Por outro lado, as imagens evocaram sentimentos vivenciados pelos próprios estudantes no seu dia a dia. Assim, “os estudantes puderam interagir afetivamente com a realidade histórica e atribuir dimensão humana ao fato distante no tempo” (PAVANATTI, 2012, p. 150), pois as imagens instigaram e sensibilizaram os estudantes. E também permitiram ao professor “acionar o acervo de estímulos e lembranças do imaginário estudantil” (PAVANATTI, 2012, p. 154), o que dinamiza as aulas e desencadeia múltiplos processos de participação e aprendizagem.

Através das fotografias, as aprendizagens podem ser ampliadas, reconstruídas e, ao mesmo tempo, possibilidades de criar um movimento de aproximação que busque estabelecer experiências com o uso de imagens, trazendo mais dinamismo e reflexão ao espaço pedagógico.

### *O blog como instrumento pedagógico*

Os desafios que surgem relacionados aos espaços e tempos de uso das novas tecnologias na escola não são maiores que as possibilidades que as mesmas evidenciam. Nesse sentido, é fundamental reconhecer as potencialidades das tecnologias disponíveis, o contexto da escola, bem como o engajamento do professor, que “precisará se dar conta de que pode potencializar a comunicação e a aprendizagem utilizando interfaces da Internet” (SILVA, 2010, p. 85).

Assim, o *blog* apresenta-se como uma das possibilidades para oportunizar momentos de interação com a cultura digital e também uma ferramenta de trabalho que se insere nas propostas de diferentes campos de conhecimento, no trabalho pedagógico, no Ensino Fundamental. A definição de Gutierrez (2005) deixa expressa sua funcionalidade e possibilidades:

Os weblogs caracterizam-se por serem páginas publicadas por uma só pessoa; por serem relatos pessoais partindo de um ponto de vista próprio; por possuírem estrutura hipertextual; por se constituírem de texto curtos e postados em blocos padronizados; por estes blocos de texto ou posts estarem organizados em ordem cronológica reversa; por cada bloco de texto possuir um link permanente de acesso; por permitirem o acesso público e gratuito ao conteúdo da página; por serem contextualizados e enriquecidos por comentários; por serem frequentemente atualizados; por terem as postagens mais antigas arquivadas,

permanecendo à disposição; por serem intertextuais e interdependentes, possuindo ligação com outros textos. (GUTIERREZ, 2005, p.3)

Além disso, Bitencourt (2004) deixa declaradas as vantagens dos *blogs* pedagógicos, quando afirma:

Professores e alunos tornam-se parceiros de aprendizagem, um interagindo com o outro, revendo e construindo aprendizagens juntos. O blog registra de forma dinâmica todo o processo de construção de novos saberes substituindo o antigo paradigma linear onde professor ensina e aluno aprende sem nenhuma interação. O professor é o mediador de todo o processo levando o aluno a alcançar a autonomia necessária para aquisição de aprendizagens significativas. (BITENCOURT, 2004, p. 1)

Aspectos também destacados pela mesma autora, quando apresenta o uso do *blog* enquanto ferramenta pedagógica, destacando que:

Incentiva a leitura e escrita, assim como a reflexão dos alunos, pois eles passam a colaborar e cooperar uns com os outros. O seu uso favorece a interdisciplinaridade através do diálogo com outras formas do saber, construindo-se redes sociais e de saberes. Os blogs abrem novos canais de comunicação entre alunos e professores, alunos e comunidade e alunos e o mundo favorecendo sua aprendizagem tanto curricular quanto tecnológica. Alunos e professores aprendem em conjunto de forma participativa e dinâmica. O professor passa a mediar o processo de ensino-aprendizagem, instigando o aluno ao aprimoramento de sua autonomia para aquisição da aprendizagem. Inseridos em projetos, os alunos passam a exercitar a sua expressão criadora crítica, artística e hipertextual. (BITENCOURT, 2004, p. 2)

Assim, a utilização dos *blogs*, pela sua dinamicidade, ênfase na construção da autonomia e de conhecimentos podem ser meios de estabelecermos uma interação maior com os saberes escolares e o universo cultural e tecnológico dos alunos.

Constata-se que o *blog* tem despertando a atenção de professores e pesquisadores, como destacam Pontes e Castro Filho (2011). Os motivos podem estar associados à possibilidade de incorporar, além de textos, vários recursos, tais como imagens, vídeos, animações, sons; ou ainda, pela facilidade de criação e de utilização. Assim, é um meio de comunicação coletiva que possibilita a convergência de assuntos de interesse, curiosidade e no caso da escola, conhecimentos. Segundo Marinho (2007, p. 2), os blogs “podem ser reconhecidos pela escola como um recurso útil na integração da escrita com a leitura. Assim, deveriam ser considerados pela escola como uma estratégia importante nas ações de formação”

Nesse sentido, os *blogs* podem ser recursos de trabalho utilizados na escola para vários fins. Dentre eles, a possibilidade de criar meios de abrir-se para o mundo dos alunos



e envolver os estudos em aspectos da vida e do cotidiano. Para Richardson (2006), *apud* Marinho (2007), alguns dos aspectos pelos quais os *blogs* se constituem num elemento de utilização interessante para a escola são:

[1] Trata-se de uma ferramenta construtivista de aprendizagem; [2] tem uma audiência potencial para o blog, que ultrapassa os limites da escola, permitindo que aquilo que os alunos produzem de relevante vá muito além da sala de aula; [3] são arquivos da aprendizagem que alunos e até professores construíram; [4] é uma ferramenta democrática que suporta vários estilos de escrita e [5] podem favorecer o desenvolvimento da competência em determinados tópicos quando os alunos focam leitura e escrita num tema (RICHARDSON, *apud* MARINHO 2007, p.3).

Há experiências compartilhadas sobre o uso dos *blogs* em diferentes campos de conhecimento escolar e com as diferentes etapas de ensino, destacando as propostas por Gentile (2004) e Fraga (2010), por terem sido desenvolvidos com estudantes do Ensino Fundamental. Segundo os citados autores, a utilização dos *blogs* rompe com os saberes de cada disciplina, ampliando as possibilidades de trabalhos interdisciplinares.

*Observações e constatações durante a pesquisa. Algumas certezas.*

Como foi antecipado, o estudo desenvolvido propôs a contextualização da chegada dos primeiros habitantes ao continente que seria denominado de América e as hipóteses que supõe a chegada dos primeiros habitantes às terras do atual Rio Grande do Sul, através de diferentes ondas migratórias. Com essa abordagem, tornou-se possível estabelecer relações entre a ocupação do território do atual Rio Grande do Sul e o desenvolvimento de diferentes modos de viver e culturas.

Essas considerações apresentaram-se como fundamentais de serem desenvolvidas junto aos estudantes, mas como fazê-lo de forma a adquirirem significados e terem sentido para os alunos do quinto ano? O *blog* apresentou-se como meio para atingir esses objetivos.

O primeiro contato dos alunos com o *blog* foi realizado na sala de informática da escola e, naquele momento, continha apenas a fotografia de abertura. Neste contato inicial apresentou-se o *blog* aos alunos, explicando como as postagens seriam feitas e esclarecendo as dúvidas que surgiram. Também foi destacada a importância do cuidado com as postagens na *Internet*, utilizando-se para isso, exemplos retirados da própria rede.

Ao final desse momento, os alunos receberam impresso um tutorial que poderia ser utilizado quando houvesse necessidade, principalmente quando o *blog* fosse utilizado fora da escola. Cabe destacar que os alunos receberam, também, o usuário e a senha de acesso ao *blog*, permitindo fazer postagens como autores e não apenas como visitantes.

A realização das atividades e a interação no *blog*, quando estas aconteceram na escola, foram realizadas em duplas, constituídas de maneira diferente ao longo do ano, não sendo as mesmas durante todas as atividades. Os momentos iniciais que se apresentaram como um misto de ansiedade e, às vezes, algum receio de utilizar a tecnologia, foram amenizados pela euforia de usar uma “outra forma de aprender e estudar”. Fato que comprova o que indicou Seabra (2010), ao sugerir o uso da tecnologia enquanto uma possibilidade de inovar, construir e compartilhar conhecimentos.

No começo, observar o *blog* sem interagir com alguma atividade apresentou-se como algo simples para os alunos. No entanto, no momento de realizar atividades e postar comentários, muitas perguntas surgiram. Nesses momentos, aqueles que se sentiam mais familiarizados com essa tecnologia auxiliaram os demais. Quando as dúvidas persistiam, a professora era chamada.

As atividades foram realizadas de maneira a evidenciar, já nos primeiros momentos, que o *blog* seria um recurso interessante para ser utilizado nas aulas de Estudos Geográficos e Históricos. Na primeira atividade, proposta antes da vivência junto à comunidade indígena da etnia Guarani-Mbyá, buscou-se identificar o caminho que seria percorrido durante a viagem até este local (figura 5), que é de 149 quilômetros, bem como localizar o Bairro de Itapuã, no município de Viamão/RS, local em que está situada a comunidade.

Além disso, procurou-se comparar dados gerais sobre os municípios de Viamão e Lajeado, tais como: área, população e localização, através da leitura e pesquisa de informações disponíveis na *Internet*. Para finalizar esses primeiros momentos, propôs-se aos alunos que imaginassem a paisagem do bairro Itapuã<sup>2</sup>. Assim, a atividade buscava a interação no *blog* também fora do ambiente escolar.

---

<sup>2</sup> Itapuã abrange o extremo sul do município, com praias junto à Lagoa dos Patos e ao rio Guaíba. Graças às políticas de preservação, o bairro conta com um ecossistema rico em espécies nativas, sendo um dos poucos locais onde é possível encontrar vegetação litorânea original, a Mata Atlântica, neste estado. Fonte: Itapuã, Viamão. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapuã\\_\(Viamão\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapuã_(Viamão)).

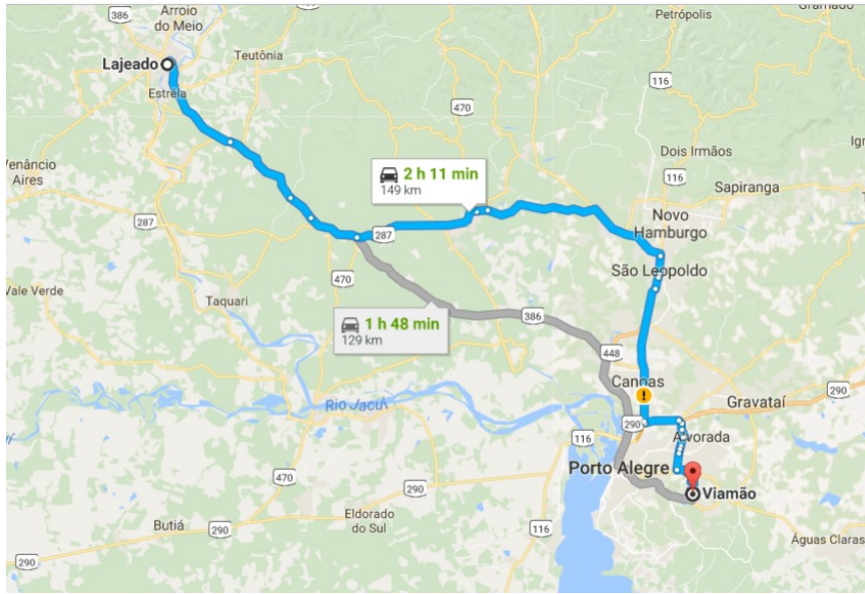


Figura 5 – Percurso de Lajeado a Viamão. Fonte: Google Maps.

Nessa atividade, os dados foram obtidos da *Wikipédia* e os mapas foram observados no *Google Maps*, discutidos e com a indicação feita em contato com a tela do computador. A intenção, além da interação, foi que os alunos pesquisassem informações e estabelecessem comparativos entre os dois municípios. Observou-se que os alunos falavam sobre o caminho e o nome dos lugares destacados neles. As suas falas evidenciaram a necessidade do uso de mapas e de quanto eles são importantes para destacar os lugares e planejar deslocamentos.

Em resposta a uma atividade de pesquisa solicitada aos alunos a respeito do Município de Lajeado, a aluna Bi<sup>3</sup> postou no *blog*:

A população de Lajeado era de 71.481 habitantes, de acordo com o IBGE em 2010. Sua área é de 90,42 km. A altitude no bairro centro do município é de 34 m. Fonte de pesquisa: Wikipédia

A postagem da aluna evidencia o quanto as informações que permitem comparar dados adquirem significado quando partem do cotidiano, ou seja, o espaço vivido. Assim, estabelecer comparações entre aspectos do município de moradia permite estabelecer semelhanças e diferenças entre este contexto e os outros lugares.

<sup>3</sup> As falas dos alunos foram transcritas identificando cada uma com letras iniciais de nomes fictícios.

Na sala de aula, a realização da atividade no *blog* provocou novos momentos de debate. Os alunos contavam aos colegas como haviam realizado a atividade e aqueles que ainda não a haviam feito sentiram-se desafiados para isso. Eis mais uma potencialidade constatada: as atividades propostas no *blog* desafiaram os alunos, afinal, transcenderam o uso do caderno. Por outro lado, oportunizou-se proporcionar e incentivar a colaboração entre alunos e docentes, tal como destacou Bitencourt (2004), ao apresentar as vantagens dos *blogs* pedagógicos no que se refere à construção coletiva e dinâmica de novos saberes, em que professores e alunos estabelecem parcerias de aprendizagem, na busca pela autonomia e aprendizagem significativa.

Numa outra atividade, os alunos foram orientados a pensar sobre os indígenas Guarani-Mbyá e a comunidade que iriam visitar, postando no *blog* respostas para algumas das perguntas a seguir: Como eu penso que é a tribo que vamos visitar? Como eu penso que é a vida dos indígenas que vivem nesta tribo? Como eu penso que é a vida das crianças indígenas que vivem nesta tribo?

Em resposta, a dupla de alunos Am e Ed postou no *blog*:

Pensamos ao chegar na tribo vamos encontrar muita natureza e os indígenas. Nós achamos que os indígenas vivem na natureza e com liberdade. Então nós achamos que a vida das crianças lá deve ser cheia de aventura e de muito respeito no ambiente.

Complementando, o aluno Fe postou:

Penso que a tribo que vamos visitar tem muitas árvores e casas. Imagino que a vida dos indígenas que moram na aldeia tem o cultivo dos alimentos que consomem, como mandioca, milho e carnes. Penso que a vida das crianças indígenas é com pouca tecnologia e com muitas brincadeiras e danças no pátio de terra vermelha.

Os depoimentos evidenciam as hipóteses iniciais dos alunos sobre o modo de vida de outros grupos, sendo que muitos dos conhecimentos a esse respeito denotam visões estereotipadas e, assim, incompletas e parciais. O fato de participar do dia de vivências na comunidade indígena, por sua vez, possibilitou que essas hipóteses e conhecimentos pudessem ser confrontados com o modo de vida desse grupo. Com isso, as observações feitas e os momentos vivenciados permitiram que se (re)construíssem os conhecimentos.

Neste aspecto, o *blog* também possibilitou que, através dele, pudessem ser ampliados e partilhados esses conhecimentos sobre os indígenas, a fim de desconstruir estereótipos e trazer novas informações relacionadas a essa temática.

Os alunos destacaram que, com as informações apresentadas no *blog*, foi possível construir novas aprendizagens sobre as diferentes etnias e sobre os nomes utilizados para fazer referência aos indígenas, fato que nem sempre é explicado nos livros e outros materiais, tal como fica evidenciado nos comentários de alguns alunos, transcritos a seguir.

Me: Pensava que chamar todos de “índios” era respeitar essa cultura. Noto que estava enganada. O *blog* me ajudou a aprender isso.

Na: Agora entendo porque às vezes ouvimos nomes diferentes. São assim porque são classificações diferentes.

Ma: Mostrei para meus pais, em casa. Eles ficaram surpresos! Também não sabiam. O *blog* ajudou!

Após o dia de vivências na comunidade indígena, as sensações e os conhecimentos (re)construídos também foram compartilhados no *blog*. Nesse sentido, a professora da turma postou no *blog*: Antes de ir para a aldeia você tinha algumas ideias (hipóteses) de como seria a tribo, a vida nela e de como as crianças vivem a sua infância neste lugar? Depois de vivenciar este dia na tribo indígena Guarani-Mbyá acompanhado de seus colegas, o que você pôde aprender sobre a tribo e a vida desse povo na atualidade? Em resposta a essa atividade, destacam-se os comentários de alguns alunos:

Ed - Eu aprendi como os indígenas guarani viviam lá na tribo e aprendi algumas palavras guaranis como a "agudje vete" (escrevi como achei que era)

Be - Eu achava que eles usavam tanga. Mas eles usam roupa igual a gente. Eu pensava que o lugar era pequeno mas me enganei, a tribo é bem grande. Eu achava que lá não tinha TV SKY, mas tem!

Ig- Eu pensava que eles andavam nu e que não tinham nenhum acesso a tecnologia. Mas descobri que eles se parecem mais com o homem branco que pensamos e que eles tem até celulares

Com base nesses depoimentos, constatou-se que o *blog* se apresentou com uma ferramenta pedagógica favorecendo a aprendizagem dos temas de estudos do componente curricular de Estudos Geográficos e Históricos, bem como do uso da tecnologia. Através do seu uso, oportunizou-se a reflexão e a interdisciplinaridade, tornando-se um canal de comunicação entre os envolvidos. Assim como sugeriu Bitencourt (2004), quando destacou a potencialidade dos *blogs* em relação à construção coletiva e dinâmica de novos saberes entre todos os envolvidos.



Dando continuidade às atividades, a professora da turma postou no *blog*: Se você fosse dizer, em uma palavra, o que significou este dia de vivências na tribo indígena Tekoá Pindó Mirim, em Itapuã, Viamão, qual seria? Seguem algumas respostas dos alunos no *blog*:

Olá sou Br. Minha palavra é: ESPECIAL  
Oi somos Lu e Vi. A palavra é: AVENTURA  
Oi sou Es. Na tribo foi INESQUECÍVEL.  
Olá, somos Ci e La. A palavra é ESPETACULAR

Esses depoimentos permitem afirmar que vivenciar momentos de aprendizagem em espaços externos ao ambiente escolar apresenta-se como uma experiência com diferentes sentidos e repleta de momentos que podem ser considerados únicos. Quando essa vivência trouxer possibilidades de interagir com um grupo constituído por outra cultura, o inimaginável pode acontecer! Eis que permanecer um dia em uma aldeia indígena Guarany-Mbyá possibilitou essa experiência vivenciada de maneira única e, por isso, inesquecível para cada um dos alunos que dela participou, tal como ficou expresso nas postagens feitas pelos alunos, algumas delas transcritas neste texto.

No retorno para a escola, a sistematização e a expressão das aprendizagens advindas dessa experiência foi realizada com o uso de diferentes linguagens. Das atividades propostas, destacou-se a interação com o *blog*. Fato que denota o quanto o espaço pedagógico pode ser constituído com vistas à contemporaneidade e, portanto, levando em consideração o universo cultural dos alunos. Assim, foi-se ao encontro das premissas em que a proposta do uso de fotografias no *blog* “permitiram acessar um mundo paralelo de palavras e imagens, mediante o qual se pode reconhecer a experiência do mundo que chamamos de real” (MANGUEL, 2001, p. 22-24).

Cabe também destacar o quanto a utilização das fotografias como recurso de trabalho mostrou-se como um momento de aprendizagens para também educar o olhar e ver para além do imediato. Sendo que, para muitos alunos, essas imagens foram fundamentais para a sistematização das aprendizagens.

Inicialmente, as fotografias utilizadas foram as da comunidade indígena e as atividades propostas com elas foram realizadas na interação com o *blog*, conforme atividade postada pela professora: “Observe as fotos que registram alguns momentos de nossas vivências na tribo Guarani-Mbyá. Escolha duas destas fotos e faça, a partir de cada

uma delas, um comentário que pudesse ser uma legenda para a foto. Pode ser algo sentimental, poético, uma frase de "impacto", ou seja, o comentário não precisa contar exatamente o que aparece na imagem”.

O engajamento dos alunos na atividade proposta no *blog* ficou registrado nas postagens transcritas a seguir:

Olá sou Br. Foto 4. A nossa chegada. Nós fomos muito bem recebidos na tribo. Foto 27. A corrida com troncos. Faz parte de uma das brincadeiras da tribo mbya guarani.

Olá sou Ed Gostei da foto 25 porque nós usamos o arco para atirar a flecha no alvo desejado.

Olá, Ed Eu acho a foto 25 muito legal. Eu também comprei um arco e flecha.

Olá sou Is! As fotos que eu gostei foi as imagens 27 e 29. Eu gostei da foto 27 porque eu estava fazendo uma pequena competição de colocar uma tora no ombro e vai até o final e volta. Eu não ganhei. Eu adorei a foto 29 porque eu achei muito bonita a natureza.

Nós somos Vi e Am. Nós gostamos também da foto 5 porque essa foto foi do ritual do povo Mbyá-Guarani, e eles nos receberam muito bem.

Concordo com vocês, adorei a forma que eles nos receberam, eu sou a Mr

Nós, Pa e Mi gostamos muito das fotos 14, 21 e 27. Na foto 14 nós gostamos porque tem a foto da turma reunida bem na frente da escola da tribo Mbyá-Guarani. Na foto 21 nós gostamos porque o cacique e seu filho estavam levando a turma para a área de jogos. Na foto 27 mostra um dos jogos da tribo Mbyá - Guarani que se chamacorridas de toras.

Olá! Somos Le e Na Gostamos das fotos 21 e 29 porque são paisagens significativas do lugar. Na foto 21 tem um telhado coberto de palha que serve para os índios se protegerem do sol e para descanso. Ali as nossas colegas estão com o cacique da tribo. E na foto 29 podemos observar as plantas daquele lugar. Pode-se ver como os indígenas preservam bem a natureza.

Oi, sou o Se. Gostei das fotos 14 e 24, pois na 14 ficou registrado o momento das duas turmas juntas e na 24 porque estamos aprendendo uma atividade comum para eles, mas não para nós.

Os comentários dos alunos deixam à mostra os benefícios oriundos da utilização das fotografias e do *blog* no processo ensino-aprendizagem de Geografia e História, trazendo dinamismo ao estudo desenvolvido que, por outro lado, ultrapassou os limites da sala de aula. Tal como indicou Kellner (2001, p. 109), “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas”.

A outra possibilidade de estudo da cultura Guarani-Mbyá apresentou-se com a exposição fotográfica “Os Guarani Mbyá”, que foi visitada no Museu da UFRGS. A produção dessas fotografias surgiu a partir da relação de VheráPoty, fotógrafo Mbyá e cacique da aldeia de Itapuã, e de Danilo Christidis, fotógrafo e professor. Nessa visita, os alunos tiveram por tarefa fotografar as cenas que mais lhes chamaram a atenção na exposição e, de todas elas, selecionar uma fotografia. As fotografias selecionadas posteriormente foram impressas (reveladas) em papel e entregues aos alunos. A fascinação dos alunos por essas fotos demonstrou o pouco contato que possuem com elas, apesar da profusão de imagens ser recorrente na contemporaneidade.

As fotografias reveladas foram expostas em um pequeno cartaz onde cada aluno registrou o que estava mostrando e quais os sentimentos que foram despertados ao observá-la. Através desse recurso visual, as aprendizagens foram ampliadas, reconstruídas e, ao mesmo tempo, foi criado um movimento de aproximação que buscou estabelecer experiências de uso de imagens, trazendo mais dinamismo e reflexão ao espaço pedagógico.

Na sequência foi organizada uma exposição de fotografias e de alguns trabalhos realizados com essa temática. Essa exposição foi montada pelos alunos que também realizaram a mediação durante a visita das outras turmas da escola. Os convites para a visita da mostra foram postados no *blog*<sup>4</sup>.

Através das fotografias, as aprendizagens foram ampliadas, reconstruídas e, ao mesmo tempo, foi criado um movimento de aproximação que buscou estabelecer experiências de uso de imagens, trazendo mais dinamismo e reflexão ao espaço pedagógico. O *blog* mostrou-se mais uma vez um recurso de trabalho fundamental, seja pela sua dinamicidade, seja pela possibilidade de interação constante. Corroborando para o que destacaram pesquisadores como: Marinho (2007), Xavier; Ferreira e Ávila (2013).

No intuito de saber a opinião dos alunos sobre a utilização do *blog* na disciplina, a aprendizagem e a opinião das famílias sobre a utilização do mesmo, foi proposta aos alunos uma avaliação específica, via questionário. Eis algumas das questões e das respostas:

---

<sup>4</sup> No *blog*, podem ser visualizados os convites, as fotografias e os comentários feitos pelos alunos.

*Qual a sua opinião sobre a utilização desse blog nos estudos realizados na disciplina de Estudos Geográficos e Históricos?*

Mi: “Eu acho que o *blog* traz mais aprendizagens e com ele podemos estudar melhor.”

Ma: “Eu gostei, pois nós podemos ver as fotos, fazer as cruzadinhas e ler informações sobre os indígenas.”

La: “Eu acho que foi muito interessante e deu para aprender muito!”

Le: “Eu adoro utilizar o *blog* porque a gente compartilha as aprendizagens.”

Wi: “O *blog* é uma outra forma de aprender.”

Na: “Outras pessoas também podem ver o que estudamos.”

As: “Eu aprendi muito mais!”

Me: “Foi muito legal poder escrever nele e aprender mais ainda na internet.”

Pa: “É muito bom, pois dá para se comunicar com os amigos sobre a aula.”

Nt: “Podemos aprender mais com a internet!”

As respostas evidenciam que o *blog* pode ser utilizado enquanto recurso nas aulas de Geografia e História. Sabe-se o quanto o uso de novas tecnologias na escola tem sido um desafio, afinal, traz outras perspectivas de interação e diálogo, tal como destacam os estudos de Tonini (2011) e Sibilía (2012). Nesse sentido, há que se buscar possibilidades de experimentar e inovar com os recursos disponíveis. Afinal, o contato com eles também podem mudar nossa forma de pensar e oportunizar um espaço pedagógico em que os conhecimentos possam ser construídos e compartilhados.

*Você considera que através da utilização desse blog sua aprendizagem foi favorecida? Justifique.*

Md: “Aprendi a conviver melhor com os indígenas e descobri que a cultura deles é muito legal.”

Vi: “Aprendemos muito mais”.

Mu.: “Sim, pois ele é bem educativo.”

St.: “Com o *blog* eu consegui saber mais e ir melhor nos estudos”.

Ed: “Sim, porque além do jeito normal pode aprender na internet.”

Wi: “Se eu tiver alguma dúvida eu entro no *blog* e tiro minhas dúvidas.”

Ga: “O *blog* faz a gente aprender mais.”

Ar: “Com o *blog* eu aprendo com mais facilidade.”

Es: “Sim, porque é uma coisa nova.”

As respostas dos alunos revelam o quanto as tecnologias disponibilizam linguagens diversas, sendo muitas formas de pensamento e de utilização possíveis. O *blog*, por sua vez, apresenta-se como um recurso de trabalho que pôde ser utilizado enquanto possibilidade de criar meios de se abrir para o mundo dos alunos e envolver os estudos de diferentes temáticas em aspectos da vida e do cotidiano dos alunos.

*Você mostrou esse blog ao pessoal de casa ou contou sobre suas aprendizagens através dele? Qual a opinião deles em relação a esta forma de trabalho?*

Ms: “Eu contei para meus pais e eles disseram que é uma outra forma de aprendizagem. O que é muito bom!”

Me.: “Eles acharam muito legal e interessante.”

Se. “Mostrei para meus pais e eles acharam muito criativa essa ideia.”

Os comentários dos alunos evidenciam o caráter de espaço colaborativo de produção de conhecimentos e não conteúdos estáticos advindos do uso do *blog*, inserido em uma perspectiva de trabalho com os temas de estudo da Geografia e da História.

Constata-se, nos comentários feitos e nas observações realizadas, assim como os estudos de Pozzo (2002), Fagundes (2010), entre outros, a abrangência e as diversas possibilidades do uso do *blog* no trabalho pedagógico seja como forma de inovação por parte dos professores, seja como ferramenta dinâmica, instigante e de trocas de saberes no processo de ensino-aprendizagem.

### **Considerações finais**

No mundo complexo, dinâmico e interligado da atualidade, novas informações chegam toda hora, ocasionando incertezas. Nessa conjuntura, ao invés de ensinar certezas e conhecimentos que parecem únicos e absolutos, é necessário estabelecer um diálogo com o mundo e com os outros, através de propostas pedagógicas que desafiem os alunos e professores a utilizar as novas tecnologias de comunicação com a Geografia (THEVES, 2009) e com a História.

Nas aulas, é possível provocar surpresas fazendo emergir o sentido das atividades e dos conteúdos desenvolvidos junto aos alunos, levando a múltiplos caminhos de aprendizagem através das interações que vão sendo estabelecidas. Assim, a busca pelo estabelecimento de relações entre o trabalho pedagógico e o cotidiano dos alunos tem sido um desafio constante.

Nesse contexto, as atividades propostas através do *blog* possibilitaram que os estudos realizados durante as aulas e também as atividades extraescolares, fossem dinamizados e sistematizados. Constatou-se que o *blog* provocou envolvimento e participação por parte dos alunos. Além disso, as possibilidades de interação utilizando novas ferramentas no ensino oportunizaram que fossem utilizados recursos que foram ao encontro das tecnologias disponíveis e utilizadas pelos alunos.



Por outro lado, percebeu-se que os alunos se sentiram atraídos pelas diferentes linguagens e propostas apresentadas pelo *blog*. A interação com o *blog* também respeitou e levou em consideração os diferentes tempos de aprendizagem de cada um. Afinal, a interação no *blog* é assíncrona, não precisa seguir um caminho linear e as postagens podem ser acessadas de acordo com o interesse e velocidade na realização das tarefas, respeitando os ritmos e os tempos de cada um.

Ao mesmo tempo, o *blog* foi uma ferramenta através da qual as famílias dos alunos puderam se aproximar dos assuntos estudados na escola, permitindo inclusive, fazer suas considerações a esse respeito. Esse fato contribuiu para que os estudos realizados pelas disciplinas escolares fossem conhecidos por outras pessoas. Nesse aspecto, oportunizou-se um diálogo através do qual os saberes foram compartilhados e reconstruídos para além do ambiente escolar.

As dificuldades foram percebidas nos primeiros contatos com o *blog*, quando se constatou que apesar de os alunos estarem inseridos num universo em que diversos recursos tecnológicos estão disponíveis, a utilização deles prescinde de momentos de aprendizagem das técnicas para a navegação. Para isso, a existência de momentos de abordagem de um “passa a passo” são fundamentais nos primeiros contatos com essa ferramenta. Nesse sentido, pode-se afirmar que, mesmo sendo nativos digitais (PRENSKY, 2001) e integrantes de num contexto de inúmeros e variados recursos tecnológicos, isso não garante que os alunos tenham se apropriado do uso das ferramentas tecnológicas disponíveis em prol do processo de aprendizagem.

A essa constatação, destaca-se o fato de que em muitos momentos em que surgiram as dificuldades, estas foram, em sua maioria, compartilhadas e solucionadas com a ajuda dos colegas. Neste momento, evidenciou-se que professores e alunos tornam-se parceiros no processo, através das trocas advindas dos momentos de interação e na proposição da construção de conhecimentos por ambos, tal como destaca Bitencourt (2004).

Assim, também cabe a escola recontextualizar o uso da tecnologia a partir das propostas didático pedagógicas das diferentes disciplinas e dos temas de estudo. Dentro de uma perspectiva reflexiva, acredita-se no desenvolvimento de uma prática pedagógica que aproxime o currículo escolar do cotidiano, possibilitando aos alunos e ao professor um espaço de diálogo, trocas e construção de saberes. Além disso, podem-se estabelecer

ligações entre os diferentes campos de conhecimento e também utilizar as mídias digitais para construir conhecimentos e expressar as aprendizagens. Tal como sugere Hernandez (2007, p. 25), a finalidade educativa deveria ser a de promover reflexões críticas, oferecendo aos estudantes experiência que lhes permitam refletir sobre suas identidades e contextos sócio históricos.

Com a utilização de fotografias, *blog* e outras mídias digitais, criam-se momentos em que a escola pode se relacionar mais diretamente com o mundo dos alunos, considerando-os enquanto sujeitos do seu aprender. Aos professores de Geografia e História, os desafios colocam-se no sentido de criar possibilidades de trabalho em que sejam utilizados artefatos disponíveis na contemporaneidade enquanto ferramentas de aprendizagem para os alunos. A busca por uma ação docente que traga o dia a dia dos alunos para a sala de aula, que supere a fragmentação e a mera transmissão do conhecimento, oportunizando múltiplas aprendizagens, faz-se urgente e necessária.

Este texto é o registro de uma experiência a partir de vivências com o uso de *blog* e de fotografias digitais junto a duas turmas de quinto ano do Ensino Fundamental. Indica possibilidades de um fazer pedagógico em Geografia e História em que a interação, os conhecimentos e as ferramentas tecnológicas podem dialogar com os saberes dos alunos e dos professores, num processo de reconstrução permanente. Por outro lado, convida a agregarem-se novas leituras da escola, do mundo e da tecnologia, buscando recriar práticas pedagógicas numa escola de nativos digitais.

Que as velhas certezas possam ser relativizadas a partir do mundo dos alunos trazido para dentro da escola, que não é mais o mesmo de outros tempos. Que as experiências compartilhadas e as muitas possibilidades de usos das fotografias digitais e dos *blogs* instiguem o uso de suas potencialidades na educação e que o uso da tecnologia possa ser uma das perspectivas que promova a inovação e a ressignificação do espaço pedagógico da sala de aula.

## **Referências**

ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. Áreas indígenas do Rio Grande do Sul. Disponível em:  
[http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/recortes/201611/29173215\\_7557\\_GDO.png](http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/recortes/201611/29173215_7557_GDO.png) Acesso em 29/11/2015.

- BARBOSA, E.; GRANADO, A. Weblogs, Diário de Bordo. Porto Editora, 2004.
- BAUMANN, S. Entrevista para o Programa Fronteiras do Pensamento. Londres, jul. 2011. Disponível em: <http://youtu.be/POZcBNo-D4A>. Acesso em 10/10/2014.
- BITENCOURT, J.B. Artigo elaborado para a oficina de Blogs Pedagógicos. UFRGS – Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, 2004. Disponível em: [http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs\\_conceitos.pdf](http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf) Acesso em: 22 abr. 2016.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. CASTELLS, M.(org); CARDOSO, G.(org) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf> Acesso em 21/08/2016.
- FAGUNDES, L. Apresentação. In: SEABRA, Carlos. Tecnologias na escola. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.
- FOUCAULT, M. A pintura fotogênica. In: \_\_\_\_\_. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FRAGA, V. M. [et.al]. Blog como recurso didático pedagógico no ensino de ciências: as tecnologias de ensino na era dos nativos digitais. IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1418-1.pdf> Acesso em 23 abr. 2016.
- GENTILE, P. Blog: diário (de aprendizagem) na rede. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/blog-diario-423586.shtml> Acesso em 23 abr. 2016.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf> Acesso em 29 mar. 2016.
- GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. O impacto da mídia nas sociedades modernas. In: Mídia, educação e cidadania. São Paulo: Vozes, 2005.
- GUTIERREZ, S. Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria. In: Novas tecnologias na educação. CINTED: UFRGS. V. 3 N°1, Maio, 2005.
- HERNANDEZ, F. Catadores da cultura visual. POA: Mediação, 2007.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Instituto Socioambiental. Disponível em: [pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1289](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1289). Acesso em 27/08/2015.

KELLNER, D. A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001.

MANGUEL, A. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: Lendo Imagens. Trad. Rubens Figueredo, RosauraEichemberg, Cláudia Strauchh. SP: Companhia das Letras, 2001, p. 15-33.

MARINHO, Simão Pedro P. Blog na Educação & Manual Básico do blogger. Disponível em: [http://moodle.educom.pt/pluginfile.php/5607/mod\\_resource/content/0/Blogues/blog\\_na\\_educacao\\_e\\_manual\\_basico\\_do\\_blogger.pdf](http://moodle.educom.pt/pluginfile.php/5607/mod_resource/content/0/Blogues/blog_na_educacao_e_manual_basico_do_blogger.pdf) Acesso em 24. abr. 2016.

MEDEIROS, Juliana S.; GOMES, Luana Barth. Povos Indígenas: diversidade na escola. In: GIORDANI, Ana C. C. [et al] (orgs.); MEINERZ, Carla B. Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade. 3 ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. Fotografias falam alto do que vem a ser o (nosso) mundo. O caso do encarte Megacidades. O estado de São Paulo, São Paulo, encarte especial, 13. ago 2008.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

PAVANATI, Iandra. Tríptico: modelo de categorização básica de imagens fixas para o processo didático pedagógico de ensino médio. Disponível em: [http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/02/Iandra\\_Pavanati\\_Tese.pdf](http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/02/Iandra_Pavanati_Tese.pdf). Acesso em 24. abr. 2016.

PONTES, R. L. J; CASTRO FILHO, J. A. O uso do blog como ferramenta de ensino-aprendizagem por professores participantes do Projeto Um Computador por Aluno (UCA). Anais do XXII SBIE - XVII WIE. Aracaju, 21 a 25 nov. 2011.

POZZO, J. I. A nova cultura da aprendizagem. In: \_\_\_\_Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. From On the Horizon. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf> Acesso em 22/04/2016.

REGIS, F.; PERANI, L. Comunicação e entretenimento na cibercultura: repensando as articulações entre lúdico, cognição de tecnologia. In: Revista da Associação Nacional dos

Programas de Pós-Graduação em Comunicação-E-Compós, Brasília, v.13, n.2, mai.-ago. 2010.

SEABRA, C. Tecnologias na escola. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SIBILIA, P. A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros? In: MATRIZES. Ano 5; nº 2; jan-jun 2012. São Paulo. p.195-211.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: SEABRA, Carlos. Tecnologias na escola. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana E.;

SILVEIRA, Denise T. Métodos de Pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da

SOLDERA, Dânia. Fotografia: o que surge entre a imagem e a pessoa que olha. In: MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (orgs.). Anais do VI Seminário nacional de pesquisa em arte e cultura visual. Goiânia/Go: UFG, FAV, 2013. Disponível em: [https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-112-eixo3\\_D%C3%A2nia\\_Soldera.pdf](https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-112-eixo3_D%C3%A2nia_Soldera.pdf). Acesso em: 02/05/2017.

THEVES, D. W. Meus alunos e minha aldeia me fazem experimentar ideias para ensinar geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TONINI, I. M. Uma geografia escolar com demandas sociais e culturais contemporâneas. In: XI encontro nacional de pratica de ensino em Geografia, 2011, goiania. Produção do conhecimento e pesquisa no ensino da Geografia. Goiânia: PUC-Goiás, 2011. v. 1. p. 191-201.

XAVIER, R. T. O.; FERREIRA, M. B.; ÁVILA, C. O. Cibercultura e a Escola. Disponível em: <http://www.laclo.org/papers/index.php/laclo/article/view/91/84>. LACLO. 2013. Acesso em: 10/12/2015.